

Neste breve trabalho, farei uma relação entre o romance literário e a constituição política não como tipos de textos diferentes que têm algo em comum, o que também cabe, mas como formas de realismo por mérito próprio. Argumentarei a favor da necessidade de recuperar, através de traços do modo realista de escrever, uma origem discursiva que compreende simultaneamente história e gênero ou tipo textual.

Tendo o passado nacional como referência e motor de significação, a ponta contemporânea do trabalho considera dois romances latino-americanos da crise nacional: *Bicentenaire* (2004) do escritor haitiano Lyonel Trouillot, e outro do escritor venezuelano Vicente Ulive-Schnell, intitulado *Yo maté a Simón Bolívar* (2010). Os títulos das obras já as inserem paratextual e explicitamente no plano da história. O primeiro romance é homônimo do bicentenário de independência em 1804 e, portanto, da fundação da República do Haiti, enquanto que o título do segundo enuncia o parricídio da figura maior da independência venezuelana, iniciada em 1810, de forma semelhante, duzentos anos antes da publicação do romance. Homonímia e parricídio são, no caso, as estratégias paratextuais que precedem, portanto, a leitura do texto propriamente, com que os romances fazem órbita não inocentemente na esfera da história nacional de forma a questionar profundamente o sentido e interpretação dessa história nacional.

Nesse nível paratextual, o título do primeiro texto sugere uma espécie de comemoração, como se verá, nada celebratória do marco zero do estado-nação haitiano, colocando assim, no espaço imaginativo da ficção, simultaneamente, a presença implícita, embora geradora de significação, dos elementos constitutivos do relato da nação, como os próceres de pátria no final do século XVIII e início do século XIX, junto aos problemas contemporâneos decorrentes da crise social e nacional haitiana no início do século XXI. No outro texto, tem-se uma frase em primeira pessoa do singular, um sujeito e pronome “eu”, que pareceria ser, à primeira vista, o próprio narrador no limite da obra. Porém, diante do narrador onisciente, o título poderia implicar a voz do próprio leitor contemporâneo, qualquer um de nós no século XXI, que vai conjugar, no pretérito perfeito, na frase “eu matei”, nada menos que o assassinato verbal do significante maior da ideia da nação venezuelana, Simón Bolívar, o

¹ Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ. Foi professor de teoria literária e literatura comparada na Universidad de Los Andes, Venezuela. Fez pós-doutorado no PPG-Neolatinas da UFRJ. O presente trabalho faz parte da pesquisa no Programa de Pós-Doutorado Nota 10 – PDR10 financiado pela FAPERJ sob o processo E-26/204.294/2021.

Libertador, como é conhecido no conjunto de países sul-americanos onde o prócer agiu militarmente. Sem ser personagem ou voz narrativa no romance, a figura de Bolívar funciona como uma espécie de presença por ausência na mente do leitor que contempla a ação em cada uma das cenas da crise social e nacional venezuelana, chegando, inclusive, como se verá, a ser invocado retoricamente por esses personagens e a voz narrativa.

Nessas obras, a provocação, velha estratégia da literatura, acenderá, na mente do leitor contemporâneo, a imagem dos ícones principais da fundação da nação dentro da ficção para, assim, ‘afetar’ a realidade nacional, essa que, em primeira e última instância, ‘devia’ estar verbalmente regulada nas constituições políticas resultantes daquele momento de fundação. A premissa relacional do trabalho observa como a tensão social na ficção faz uma provocação à suposta estabilidade do discurso de nação tanto no relato fundacional no século XIX quanto no que chamo de realismo constitucional ou constitucionalismo, isto é, essa espécie de ‘relato’ que é a constituição nacional.

Não obstante, diante da colocação sobre romance e constituição, se poderá com razão replicar que a literatura, de Homero até hoje, sempre pôs no seu conteúdo a realidade histórica, cada época à sua maneira, e perguntar qual seria o propósito de comparar ou relacionar, genericamente e na interpretação, o romance, a constituição e o realismo literário.

Para responder a isso, apreciemos a questão formal e historicamente. A prosa constitucional situa o cidadão em harmonia e convívio com os seus próximos dentro das fronteiras físicas e simbólicas do país, e mune esse cidadão textual de direitos e deveres que criem as condições de liberdade, igualdade e justiça entre concidadãos. Por seu lado, semelhante e diferente, a prosa romanesca descreve um personagem fictício num ambiente que desenvolve a sua ação narrativa cuja força de representação está unida à catarse do leitor. Assim, como gênero ou tipo discursivo, no sentido de Bakhtin (2011), o realismo junta sujeito e espaço como estrutura básica do texto. Essa junção, ademais, não é mera estrutura, mas representação, no sentido de Auerbach (1971) em que há movimento entre planos de significação daqueles sujeito-personagem no espaço. Dessa forma, é possível pensar romance e leitor em paralelo a constituição e cidadão, no sentido bakhtiano de interação sócio-verbal (MARCUSCHI, 2020), dado que o realismo nutre o procedimento de escrita e leitura de cada ambiente discursivo.

Logo, ao apreciar essa estrutura básica em ambos os gêneros, ao meu ver, encontram-se as condições discursivas de origem na espécie de linguagem-mestre que vou chamar de “linguagem iluminista” (MÁRQUEZ, 2019) vinda do Século das Luzes, na virada entre o século XVIII e o XIX. Baseada na seminal ideia-força da liberdade, essa nova linguagem

nutriu a escrita política pré e pós-revolucionária na Europa colonizadora e na América em emancipação, por exemplo, em Montesquieu e Rousseau na França, em Toussaint-Louverture e Dessalines em Saint-Domingue, depois chamado de Haiti, e em Simón Bolívar na Gran Colombia, uma parte da qual veio a ser a Venezuela, e também, precisamente, na escrita das constituições francesa e haitiana que fazem uma verdadeira e contraditória face de Janus e que podem se considerar juntas propriamente como repertório político transatlântico (BUCK-MORSS, 2000; FERRER, 2014). Do mesmo modo, essa mesma linguagem iluminista nutriu a escrita literária da prosa romanesca do francês Denis Diderot na França, da poesia neoclássica de Andrés Bello na Venezuela, da prosa romântica de José de Alencar no Brasil, lembrando, ainda, os textos de Gustav Flaubert, quem fez do realismo um paradigma universal e um estilo literário historiográfico apropriado e reapropriado no mundo.

Nesse contexto formal e histórico, é possível pensar no romance e na constituição como formas de realismo em pé de igualdade (onde, inclusive, um texto faz presença no outro, e vice-versa), e como fenômeno transatlântico, europeu e americano, onde os efeitos políticos e expressivos da linguagem iluminista libertadora valorizam em pé de igualdade as Revoluções Francesa e Haitiana como paradigma universal e como processos revolucionários contraditoriamente interrelacionados (FISCHER, 2004).

Para além disso, trata-se da crítica à modernidade que se encontra de *Jacques le Fataliste* (1796) do mencionado Diderot até *Dialektik der Aufklärung* (1944) de Adorno e Horkheimer; textos em cuja afirmação patente subjaz ou explica as contradições do processo histórico que a própria forma escrita contém – o que suscita um leque de questões de história, escrita e gênero que não cabem aqui.

Passemos da teoria e história do realismo para o contexto histórico específico das obras estudadas. Elas representam a crise nacional em tempos recentes: o texto haitiano se ambienta no protesto contra o governo de Jean-Bertrand Aristide em janeiro de 2004, e o texto venezuelano na tentativa frustrada do golpe de estado contra o governo de Hugo Chávez em abril de 2002, no final da qual o presidente voltou ao poder. Em *Bicentenaire*, um estudante de filosofia, Lucien Saint-Hilaire, desce da colina do morro pobre onde mora até o centro de Porto Príncipe para participar do protesto no fim do qual ele é assassinado. Em *Yo maté a Simón Bolívar*, uma jornalista inspeciona a cena do crime do episódio mais trágico do golpe, conhecido como o Massacre da Ponte Llaguno, intersecção entre avenidas onde momentos antes ambos os protestos contra e a favor do governo em Caracas deixaram várias vítimas mortais.

Em ambos, a manifestação de rua serve de motivo literário que é reescrita contemporânea do *leitmotiv* da viagem ao inferno, no caso, da descida a cenas de violência. A manifestação de rua é aqui tanto motivo literário quanto ato democrático quintessencial, ato de participação direta do povo diante dos governantes, e representa, assim, uma escolha política na ficção. O filósofo francês Jacques Rancière chama de “política da ficção” a inclusão de objetos e sujeitos que desafiam e “democratizam” a “representação clássica” ou convencional da ficção (RANCIÈRE, 2014, p. 18). A inclusão de sujeitos urbanos marginalizados e de situações de conflito provenientes do tempo contemporâneo, com efeito, democratizam o tempo convencional da ficção dos estilos realistas da literatura haitiana e venezuelana no século XX, por exemplo, respectivamente, o realismo mágico e a *créolité*.² Passemos à análise textual.

No romance haitiano, o fim do texto coincide com o fim da manifestação que é reprimida por forças policiais e parapoliciais onde o protagonista é mortalmente ferido. No meio da marcha, o protagonista sobrepõe o rosto imaginado da mulher amada (uma jornalista estrangeira que o entrevistara) sobre o rosto real da velha fotojornalista que cobria o protesto. Nessa cena, tenta-se trocar, na mente e imaginação do estudante pobre, a morte material pelo amor imaterial, transfigurando “pela força do sonho” (TROUILLOT, L., 2004, p. 114) o ato de violência momentaneamente numa imagem bela e sublime, para logo voltar, inevitavelmente, à queda do corpo e à morte que encerra o romance.

E no lugar da jornalista com o olhar desgastado que fotografa a manifestação deles, o estudante gostaria de ver o rosto da Estrangeira. Ele gostaria tanto de ver aquele rosto que foi inicialmente as costas, esse rosto mais belo que todos os contextos, que **pela força do sonho ele vê [...]**. Um bando de garotos jovens demais para odiar a vida, que avançam para cima de uma multidão com armas de todo tipo, jogam essa multidão no chão, cospem e pisam nela, continuam a cuspir nela, batem nela novamente mesmo que já caiu, que perdeu a sua força de multidão [...]. Mas o estudante não vê isso. Ele vê o mar e a Estrangeira. E ele a toca. A mão dele está molhada. **O falso contato o traz de volta à realidade**. No lugar da mão da Estrangeira, lá onde ela acariciava seu rosto, flui um líquido mais pesado que a água do mar. **Imagens confusas se sobrepõem**. Ele sente que seu corpo está balançando,

² Essa característica importante do novo realismo literário latino-americano se evidencia em obras como *Cidade de Deus* (1997) de Paulo Lins no Brasil, com a inclusão do espaço marginalizado da neofavela carioca, e *Trilogía sucia de La Habana* (1998) de Pedro Juan Gutiérrez em Cuba, com a inclusão da vida precária no socialismo cubano.

inclinando-se por todos os lados. Seu corpo é o corpo de um homem que vai cair.³ (TROUILLOT, L., 2004, p. 114-115, grifos meus, tradução minha)

A sequência da queda mortal do corpo de Lucien ilustra o contraste entre a violência parapolicial brutal contra os manifestantes e a harmonia ideal entre povo e governante, que a constituição deve mediar e fracassa. Ainda, destaca que é são muito novos os jovens bandidos, à margem da sociedade, que atacam a multidão manados e pagos pela própria polícia, o que revela um Estado disfuncional. Através desse contraste que o novo realismo literário constrói sua fala política, democratizando o espaçotempo da ficção. Na medida em que cai no chão o corpo da personagem literária, se levanta ou constitui o corpo do personagem político ou cidadão que, no caso, não chegará a atingir o convívio harmônico constitucional, aquele sonhado, através da luta, por Toussaint-Louverture e Dessalines, os próceres da pátria, e ressignificado criticamente no paratexto do título bicentenário.

O romance venezuelano tem dois volumes intitulados *Ying e Yang*. Após a narração do mencionado Massacre da Ponte Llaguno, o final do primeiro volume termina com o diálogo entre a jornalista e o presidente que ralenta a ação e faz uma reflexão, talvez didática demais, sobre o problema do falso bipartidarismo governista-oposicionista, qual yin e yang do mal, diante de uma pintura com a imagem do Libertador que pendurava do despacho da presidência.

Mary Bastidas levantou-se, aproximou-se da mesa e apontou para o quadro de Bolívar pendurado atrás do mandatário.

- Isso é o sonho de Bolívar? Venezuelanos que se matam nas ruas de Caracas? Famílias que se odeiam até a morte? As acusações, os insultos, as desqualificações [...]. Somos todos venezuelanos, Presidente. A maioria quer que o país avance. Além dos radicais obtusos e psicóticos da direita ou da extrema esquerda, o resto dos cidadãos está convencido de que o senhor tem uma razão legítima para pensar como pensa. **Como pensar que as suas propostas levariam ao progresso. Nós acreditamos no senhor [...].**

- Sabe que, senhor Presidente? Essas pessoas, aqueles escaladores e incapazes, **mataram Simón Bolívar**. Acabaram com seu sonho. Seu ideal de ver uma nação unida e forte, capaz de se estabelecer com força em nível internacional, foi engolido com tudo, com pele, por esses parasitas. Eles substituíram a união nacional pelo ódio de seus compatriotas [...].

- Eles **mataram Simón Bolívar**. Mas o senhor não precisa fazer o mesmo. Ainda estamos a tempo, Presidente. **O senhor é o único** que tem a capacidade de ressuscitar o sonho do Libertador. Diga-me então, o que você vai fazer? O senhor

³ Et à la place de la journaliste au regard usé qui photographie leur marche, l'étudiant aimerait voir le visage de l'Etrangère. Il aimerait tellement voir ce visage qui a été d'abord un dos, ce visage plus beau que tous les contextes, que **par la force du rêve il le voit [...]**. Une bande de gamins trop jeunes pour détester la vie, qui avancent sur une foule avec des armes de toutes sortes, la jettent par terre, lui crachent dessus, la piétinent en continuant de lui cracher dessus, la frappent encore qu'elle est déjà tombée, qu'elle a perdu sa force de foule [...]. Mais l'étudiant ne voit pas cela. Il voit la mer et l'Etrangère. Et il la touche. Sa main est mouillée. **Le faux contact le ramène au réel**. A la place de la main de l'Etrangère, là où elle caressait son visage, coule un liquide plus lourd que l'eau de mer. **Des images troubles [sic] se chevauchent**. Il sent que son corps balance, penche de tous les côtés. Son corps est le corps d'un homme qui va tomber (grifos meus).

vai destruir o legado do pai da pátria, seguindo o caminho do ódio e da divisão que eles propõem, que incorpora burocratas ineptos no poder e **deixa de lado pessoas valiosas e honestas como Nerio**, cujas **críticas às vezes são difíceis de engolir** porque eles dizem a verdade? Ou vamos trabalhar para construir um governo verdadeiro, onde o pessoal das bases populares lidere [...] onde toda a nação se dedique ao progresso e que **todos estejam incluídos**?⁴ (ULIVE-SCHNELL, e-book, tradução e grifos meus)

Longe da união entre concidadãos, a polarização impulsionada tanto pelos políticos quanto pela mídia não é consequência, mas causa da desunião e do ódio. A reflexão da jornalista, à contracorrente das linhas editoriais da grande imprensa golpista e dos assessores ministeriais corrompidos, pretende reverter, se não a morte dos manifestantes, pelo menos a morte simbólica de Bolívar, que é metonímia para o ideário constitucional, na esperança de superar esse binarismo destruidor que impede o progresso do país. O leitor deverá, pois, participar do texto além da passividade e passar a avaliar se ele está com “eles”, aqueles que “mataram” Bolívar. Se perguntará o leitor: será que “eu” matei Simón Bolívar, quer dizer, a própria nação venezuelana? Serei “eu” partícipe do parricídio, ou seja, da morte da nação prometida e da realização do ser venezuelano?

Tanto a homonímia e transfiguração poética no texto haitiano quanto o parricídio e a superação do binarismo no texto venezuelano, são, no nível do relato, escolhas políticas que democratizam o romance e, no nível do discurso, são sintomas das contradições da linguagem moderna que o realismo utiliza. Assim, pode-se dizer que o realismo literário, ao “revelar” essa contradição, recupera seu teor constitucional, ainda que em chave negativa.

Aqui a história retorna. O historiador haitiano Michel-Rolph Trouillot (1995) argumenta que a valorização da Revolução Francesa de 1789 tem sido feita às custas do “silenciamento” da consequente Revolução Haitiana de 1791 na historiografia ocidental eurocêntrica. Porém, sem a história do Caribe não é possível compreender a linguagem iluminista que sustenta

⁴ Mary Bastidas se puso de pie, se acercó a la mesa y señaló el cuadro de Bolívar que pendía detrás del mandatario.

- ¿Es esto el sueño de Bolívar? ¿Venezolanos que se matan en las calles de Caracas? ¿Familias que se detestan a muerte? Las acusaciones, los insultos, las descalificaciones [...]. Todos somos venezolanos, Presidente. La mayoría quiere que el país avance. Aparte de los radicales obtusos y psicóticos de la derecha o la izquierda extrema, el resto de los ciudadanos está convencido de que tiene una razón legítima de pensar como lo hace. **De que sus propuestas conducirían al progreso. Nosotros creímos en usted [...].**

- ¿Sabe qué, señor Presidente? Esa gente, esos trepadores e incapaces, **han matado a Simón Bolívar**. Han acabado con su sueño. Su ideal de ver una nación unida y fuerte, capaz de establecerse con fuerza en el plano internacional, ha sido engullido con todo y pellejo por esos parásitos. Han remplazado la unión nacional por el odio a sus compatriotas [...].

- Ellos **han matado a Simón Bolívar**. Pero usted no tiene que hacer lo mismo. Todavía estamos a tiempo, Presidente. **Usted es el único** que tiene la capacidad de resucitar el sueño del Libertador. Dígame entonces, ¿qué va a hacer? ¿Va a destruir el legado del padre de la patria, siguiendo el camino del odio y la división que le proponen, que incrusta en el poder a burócratas ineptos y **deja de lado a gente valiosa y honesta como Nerio**, cuyas **críticas son a veces difíciles de tragar** porque dicen la verdad? ¿O vamos a trabajar para construir un verdadero gobierno donde lidere la gente de las bases [...] donde **toda la nación** se aboque al progreso y **seamos todos incluidos**? (Grifos meus).

nada menos que o peso da ontologia e a racionalidade modernas no Ocidente que ainda ecoa hoje. Diz o historiador que:

Não se castigará escritores há muito tempo mortos por usarem as palavras de seu tempo ou por não compartilharem visões ideológicas que agora tomamos como dadas. Para que as acusações de correção política não trivializem a questão, permitam-me enfatizar que não estou sugerindo que homens e mulheres do século XVIII *devam* ter pensado na igualdade fundamental da humanidade da mesma maneira que alguns de nós hoje. Pelo contrário, estou argumentando que eles *não poderiam* ter feito isso. Mas, também estou tirando uma lição da compreensão dessa impossibilidade histórica. A Revolução Haitiana desafiou as suposições ontológicas e políticas dos escritores mais radicais do Iluminismo. *Os eventos que abalaram Saint-Domingue de 1791 a 1804 constituíram uma sequência pela qual nem a extrema esquerda política na França ou na Inglaterra tinha um quadro conceitual de referência.* Eles eram fatos “impensáveis” no quadro do pensamento ocidental.⁵ (M. TROUILLOT, 1995, p. 82, grifos originais, tradução minha)

Apesar do calor dos debates que precederam a *Declaração dos direitos do homem*, a ideia de que o escravo negro ou o homem livre de cor cogitassem a libertação ou a plenitude de direitos, por se acharem humanamente iguais ao branco, até o ponto de se organizar em movimento armado emancipatório, era algo “impensável” até para a esquerda radical europeia. Certamente, o quadro de referências desses pensadores, por simplista que nos pareça hoje, era eles mesmos, dado que a superioridade ontológica do Homem estava naturalizada, na prática, no homem europeu branco. Assim, de modo igualmente “natural”, os escravos não pertenciam à categoria iluminista de Homem, com esse maiúsculo eurocêntrico de transcendentismo discursivo que ainda ressoa na historiografia tida como universal.

Ter abolido o regime monárquico absolutista na França e em países da Europa não significou abolir a escravatura no regime constitucional, seja monárquico ou republicano. Da mesma forma, ter abolido o regime colonial em Saint-Domingue e na América não significou a emancipação social efetiva para muitos segmentos populacionais dos novos países libertos e independentes.

Valorizando assim as revoluções francesa e haitiana, a história constitucional moderna pode ser entendida como a história da linguagem das noções de liberdade, igualdade, fraternidade, etc., da ideologia burguesa iluminista judaico-cristã euro-ocidental, que já contém seu “pecado original”, isto é: a divisão na colônia franco-americana de Saint-

⁵ One will not castigate long-dead writers for using the words of their time or for not sharing ideological views that we now take for granted. Lest accusations of political correctness trivialize the issue, let me emphasize that I am not suggesting that the eighteenth-century men and women *should* have thought about the fundamental equality of humankind in the same way some of us do today. On the contrary, I am arguing that they *could not* have done so. But I am also drawing a lesson from the understanding of this historical impossibility. The Haitian Revolution did challenge the ontological and political assumptions of the most radical writers of the Enlightenment. *The events that shook up Saint-Domingue from 1791 to 1804 constituted a sequence for which not even the extreme political left in France or in England had a conceptual frame of reference.* They were “unthinkable” facts in the framework of Western thought (grifos originais).

Domingue, a “pérola” açucareira mais rica do Caribe no final do século XVIII, entre o setor conservador escravagista e o setor liberal revolucionário que oscilava entre reformismo gradual e abolicionismo completo. Eis a origem empírica do antagonismo entre direita e esquerda como campos políticos na Europa ocidental continental e na América euro-ocidentalizada (do europeu nascido na América) e, assim, a origem histórica da defasagem entre a ideia constitucional e a praxe excludente nos dois lados do Atlântico.

A afirmação positiva e sua contradição negativa inevitável, presentes tanto nas constituições quanto das narrativas realistas, são ambas codificadas inseparavelmente nessa linguagem cuja história material-dialética está registrada, ademais, nos mencionados campos ideológico-programáticos. Com efeito, direita e esquerda políticas se ‘manifestam’, do momento daquele “pecado original”, na viva concorrência pela hegemonia e nas constituintes fundacionais e refundacionais que hoje fizeram ou estão fazendo seus respectivos ‘bicentenários’. Trata-se de discursos simbólicos e textos concretos invariavelmente escindidos entre afirmações ideais comemorativas e práticas sociais excludentes. Eis o embate relacional na hora do ato de leitura da literatura latino-americana contemporânea.

Concluindo, ler o realismo literário hoje é, desta maneira, um ato democrático onde o leitor de literatura é também cidadão, o que revela a dimensão constitucional do realismo literário. Ao tratar a crise nacional e do cotidiano, no caso, ao ficcionalizar a manifestação de rua, o romance contemporâneo democratiza a ficção, expõe as contradições da linguagem iluminista e dos discursos de nação, e troca o modelo centro-periferia da historiografia por uma democracia das letras, imperfeita e renegada, como a modernidade sempre o foi.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Eric. 1942. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*.

Trad. George Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BAKHTIN, Mikhail. 1979. *Estética da criação verbal*. 6 ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BUCK-MORSS, Susan. Hegel and Haiti. *Critical Inquiry*, n. 26, 2000, p. 821-65.

FERRER, Ada. *Freedom's Mirror. Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. New York: Cambridge University, 2014.

FISCHER, Sibylle. *Modernity Disavowed. Haiti and the Cultures of Slavery in the Age of Revolution*. Durham: Duke University, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* (Educação linguística). São Paulo: Parábola, 2020. Livro-e Kindle.

MÁRQUEZ ARREAZA, Dionisio. 2021. A estratégia hegemônica do realismo na narrativa venezuelana e haitiana no início do século XXI. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 65-85, 2021. ISSN 2238-3824.
doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2238-3824.26.3.65-85>.

RANCIÈRE, Jacques. *A política da ficção* (YMAGO ensaios breves Livro 5). Trad. J. P. Cachopo. Lisboa: KKYM, 2014. Livro Kindle.

TROUILLOT, Lyonel. *Bicentenaire*. Paris: Actes Sud, 2004.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Boston: Beacon, 1995.

ULIVE-SCHNELL, Vicente. *Yo maté a Simón Bolívar*. [S.l.]: Masa, 2010. Livro-e Kindle. 2v.